

E1

Feminino | Início da década de 40

A escola nova quando foi feita era só para rapazes. Nós andávamos numa casa, no adro, que fazia de escola. Tinha um corredor com mapas, onde estudávamos, a sala e do outro lado a casa da professora.

Andei na Escola até à 3ª classe (princípio da década de 40). A Escola não era obrigatória e cada um entrava quando podia e nem toda a gente fazia a escola. Havia pessoas que não iam à escola porque, sendo mais velhos, tinham de ficar a tomar conta dos irmãos. O caso da minha irmã mais velha que nem a 3ª classe fez! Havia outros que não podiam pagar os 2\$50 por mês para andar à escola régia. Os ricos esses tinham dinheiro e punham os filhos a estudar.

Para a escola levávamos uma bata branca, as raparigas, e aos quadradinhos azuis, os rapazes, uma mala de cartão (que não era para toda a gente!) ou uma bolsa de cotim. Os rapazes levavam um “bolso” maior, à tiracolo. Lá dentro levávamos um lápis, um caderno, uma borracha, uma ardósia (uma pedra), um lápis de pedra e o livro. Não tínhamos estojo nem nada dessas coisas!

Quando as contas não “eram para ficar” fazíamos na ardósia. Os cadernos eram mais para fazer as cópias, os ditados e as redacções. Tínhamos livro de leitura, gramática, problemas, História e Geografia. Tinham quase todos o mesmo “feitio”, eram iguais. Havia os da 4ª, da 3ª, 2ª, 1ª classe e como dava para vários anos, ficavam para os irmãos. E trabalhávamos sozinhas. Hoje é que trabalham em grupo!

Antes de começar e “tomar a aula” rezávamos e cantávamos o Hino Nacional. Se me lembro bem!... do Salazar e do Carmona que estavam sempre na nossa frente... É por isso que cantávamos o Hino. E era obrigado ir à missa. Mas não tínhamos a Mocidade. Só pertenceram os que foram para Serpa.

A escola nova, quando foi feita era só para os rapazes. Nós andávamos numa casa, no Adro, que fazia de escola. Tinha um corredor com os mapas, onde estudávamos, a sala e do outro lado a casa da professora.

Na sala havia a secretária da professora, que ficava à frente ou ao fundo e o quadro (ao pé da professora) e nós ficávamos voltados para o quadro (igual ao que é hoje, a diferença são as mesas). Havia uma fila de cada lado com um corredor ao meio. Era só uma sala de raparigas (e havia outra de rapazes).

Não sei quantos éramos, era até que as carteiras dessem e cada professora tinha as classes todas! Não havia fila dos que sabiam e dos que não sabiam (agora é que é assim). Parece-me que a 4ª classe era à frente e o resto ia para trás.

Lá dentro ficávamos de castigo, “à rés” do quadro e de costas voltadas. Outras vezes apanhávamos reguadas, - as mãos cheias! – cada erro cada reguada, ou quando não sabíamos, ou ...

A professora tinha a casa na escola e algumas vezes ia lá. Quando saía, por vezes, se havia uma de nós que tinha dois tostões, dizia:

Professora, posso tomar conta com a régua?

Dava os dois tostões à professora para tomar conta com a régua e poder bater nos outros. (Isto era um costume desta professora, as outras não eram assim.)

Cá fora, a gente nos intervalos e na hora do almoço dançávamos e cantávamos, fazíamos rodas com as “pombinhas da Catrina” e outras cantiguinhas – mas eram raparigas para um lado e rapazes para o outro!!!

Jogávamos à bolegra (as 5 pedrinhas), ao “funcho”, à corda, à calha, à apanhada, à cabra-cega... e hoje já não existe nada...

E2

Feminino | Início da década de 50

Para a escola a gente usava um bolso de saca ou de cotim que as desgraçadas das nossas mães faziam com bocados dos restos das calças. Lá dentro levávamos a pedra, um lápis de pedra, uma borrachinha, um lápis de papel, um caderno de duas linhas e um de uma linha.

Andei na escola do Adro (princípio da década de 50). Saí da escola com quase 10 anos. Fiz o exame da 3ª e não quis já fazer a 4ª. Eu não gostava da escola... lá todos os dias mas não gostava daquela prisão e quando a professora disse para perguntar aos pais se queriam que eu continuasse, preguei uma mentira! Depois, fui à costura.

Aos pedacinhos do recreio e durante o dia enquanto esperávamos “pela escola” jogávamos à calha, à bolega (5 pedrinhas), aos jantarinhos e às lojas. Eram as “entretengas” da gente!

Não tínhamos bonecas, não tínhamos nada. As bonecas eram um pedacinho de trapo, com lã do colchão na cabeça.

Mas a gente não brincava com os rapazes. Alguma que brincasse chamavam-lhe logo “machote!”.

Não usávamos bata e para a escola a gente usava um bolso de saca ou de cotim que as desgraçadas das nossas mães faziam com bocados dos restos das calças. Lá dentro levávamos a pedra, um lápis de pedra, uma borrachinha, um lápis de papel, um caderno de duas linhas e um de uma linha.

Primeiro, fazíamos as contas na pedra, em estando tudo bem passávamos para o caderno. Mas bem feito senão, levávamos reguadas. A tão poucas!!!... Mas é assim que devia ser...

Algumas das réguas tinham “olhinhos”. Apanhei com ela por causa da missa. Eu não gostava de ir à missa, mas era obrigado ir ao domingo! Nós na escola já rezávamos missa e tínhamos catecismo.

À 2ª feira a professora perguntava quem não tinha ido à missa (mas ela já sabia !!) e quem não tinha ido apanhava; era uma coisa mesmo má com a missa.

Também apanhávamos quando não sabíamos. Um dia a professora escreveu um problema no quadro. Tudo encolhia os ombros, ninguém sabia que o problema tinha duas contas. Eu gostava de ditados, leitura e problemas (só não gostava de História, não gostava nada dos reis) e sabia o problema. A professora mandou-me calar e fui ao quadro fazer. Enquanto estava no quadro, a professora deu porradas, porradas... nos outros...

Os professores eram muito severos mas os pais não diziam nada ou então diziam que devíamos apanhar. A minha mãe, era boa mãe, mas era assim – e acho bem. Nós hoje “tiramos” tudo dos filhos – as mães boas, de hoje, são assim. A minha mãe também era boa, mas era assim, nesse tempo era assim.

Era tudo desta forma: até o meu pai chegou a ir a tribunal por causa da minha irmã. Foi assim: a minha irmã era doente, tinha muitas dores de cabeça quando chegava à escola. Mas ela portava-se bem. Ela era tão sossegada que era ela que catava a professora e a professora só a queria a ela – nesse tempo era assim, toda a gente tinha de ser catado. Mas por causa das dores de cabeça a minha irmã às vezes não ia à escola. A professora fez queixa e o meu pai foi ao tribunal, a Serpa, responder. Mas quando disse que a minha irmã era doente não teve problemas. Era uma escola assim!

E3

Masculino | 1932

Eu tinha medo da professora porque ela me batia muito (tinha uma régua e um ponteiro de cana da índia)... quando as professoras batiam, tinham razão para bater. Os moços querem-se assim... têm de ser castigados para aprender, tem de haver disciplina. Só que comigo não era assim!!

Nasci em 1925 e entrei na escola em 1932. Fiz só até à 3ª classe mas quem queria continuar a estudar podia fazer a 4ª classe e até a admissão. Mas mesmo assim aprendi os adjectivos, os verbos, os ossos... Nós aprendíamos tudo, tudo!!

Eu tinha falta de memória e esquecia as coisas. Precisava de ter ido ao médico, mas naquele tempo ninguém ligava às crianças.

A ignorância era tanta que ali o Manel, quando o professor lhe mandou recado para o filho ir à escola, ele respondeu:

- Aquele espertalhão, para lhe dar de comer, eu e depois quer que o mande à escola.

Por aqui se pode ver como isto era.

Mas continuando... eu, como “não queria ficar para trás” estava sempre a estudar, a estudar. Eu tinha medo da professora porque ela me batia muito (tinha uma régua e um ponteiro de cana da Índia) – eu não sabia porque me esquecia, não precisava de apanhar tanto!

Um dia por qualquer coisa que eu não soube deu-me 12 reguadas em cada mão e pôs-me fora; noutra vez, deu-lhe um ataque (ela tinha ataques!). Quando recuperou deu-me uma sova porque eu não a conseguí segurar. Mas não vale a pena estar a dizer isto, pode parecer que estou a dizer mal das professoras e elas sofriam muito, sofriam tanto como os moços- a professora até nos levava para casa dela, para praticarmos mais!!...

Porque até quando as professoras batiam, tinham razão para bater. Os moços querem-se assim... têm de ser castigados para aprender, tem de haver disciplina. Só que comigo não era assim!!

Lembro-me de um dia que foi lá um inspector, um senhor. A professora arranjou logo maneira de avisar as outras, enquanto levaram à secretária a conversar e a ver papéis.

Mas depois mudei de professora. Quando mudei de sala ouvi-a dizer à professora nova:

- Olha, não te preocupes com o Brázio que ele há-de fazer exame quando as galinhas esgravatarem para a frente e o sol deixar de girar.

A professora pôs-me num lado qualquer. Mas era boa!... Ensina, ensinava, ensinava e não batia.

Como eu continuava a estudar, sabia as coisas e mesmo quando ela perguntava a outro, eu respondia. Foi assim que passei para a frente.

A minha escola era só de rapazes pois havia outra de raparigas. Era uma escola antiga, antes desta do Salazar. A sala era grande com a secretária de canto e uns grandes quadros à volta sobre a História de Portugal (e outras coisas!) e nos últimos tempos o retrato do Salazar. As carteiras eram duas a duas ligadas no assento e onde se escrevia.

As coisas que levávamos para a escola iam dentro de um bolso. Mas não eram muitas... (hoje é que andam todos carregados!!) pois pagávamos \$20 (2 tostões) todas as semanas para a caixa escolar e tínhamos a tinta, lápis, borracha, cadernos... menos os livros e a pedra.

Na escola fazia cópias, ditados, problemas – nisso era valente! – e aprendíamos muita coisa.

No recreio jogávamos à bola, à pata, ao eixo, isso gostava eu de jogar. Mas não foi por muito tempo porque aos 12 anos deixei a escola e fui aprender a carpinteiro e depois fui trabalhar no campo.

E4

Masculino | 1928

A partir da 3ª e da 4ª classe havia quadros e mapas com o corpo humano e a história de Portugal (com a dinastia). Tínhamos também mapas de Geografia com rios e afluentes e as linhas férreas (e depois não sabíamos viajar!)

Nasci em 1921. Penso que entrei à escola em 1928...

Entrava-se em Outubro... entrava-se com os sete anos feitos...

A Escola funcionava no Terreiro dos Palmas, numa casa grande que era de um particular e que foi cedida ou arrendada para a escola. Funcionava lá a escola dos rapazes (os meninos mais ricos andavam numa escola particular), com as quatro classes, cada uma com mais de 40 alunos.

Entrávamos de manhã, tínhamos a hora do almoço, voltávamos à tarde, até por volta das três horas. O recreio era no terreiro que ficava do lado de traz e as casas de banho... eram o barranco que passava ali!....

Na sala havia um quadro num tripé, secretária, a cadeira do professor em cima do estrado e as carteiras "2 a 2", com o sitio para o tinteiro e uma ranhura para pôr a pena, caneta de aparo! As carteiras eram de madeira com estrutura em ferro liso e com o tampo de levantar (para guardar os livros). Havia também um armário onde guardávamos os trabalhos. Na 1ª classe tínhamos uma "coisa" grande com bolinhas para aprendermos a contar. A partir da 3ª e da 4ª classe havia quadros e mapas com o corpo humano e a história de Portugal (com a dinastia). Tínhamos também mapas de Geografia com rios e afluentes e as linhas férreas (e depois não sabíamos viajar!)

Não usávamos bata, nem o professor, andava à paisana!!

Para a escola só levava uma sacola ou de serapilheira ou de cotim, que a minha tia me fazia para eu levar os livros, a pedra, o lápis e a borracha (só depois é que apareceu a caixa escolar). Levávamos também um barril de barro com água (pois não tínhamos água canalizada) ou na mão ou pendurado do pescoço com uma cordinha.

A lição era dada com um livro grande em cima de uma cruzeta. Nós tínhamos um igual em pequeno. O professor ia apontando para as letras e nós íamos dizendo a ... e.... í...

Depois, quando o professor salteava cada um dizia a sua... tudo asneiras!...

Na 3ª classe passei para a escola de cima feita de propósito para escola. Também era só de rapazes (as raparigas não se juntavam com os rapazes).

As coisas (os materiais) dentro da sala eram os mesmos. Mas já tínhamos o crucifixo e as fotografias do Salazar e do Carmona e também a “bola do Mundo”. Ainda me lembro de me terem dado um discurso para dizer sobre o Salazar numa festa que ia haver na Escola... por causa de porem as fotografias. Depois, não sei o que aconteceu... não houve festa, pregaram-nas na parede e pronto!

Eu gostava muito de andar à escola mas também gostava muito de brincar, Às segundas feiras não ia à escola... ia sempre jogar à bola. Uma vez fui chapejar o dia inteiro p’ro tanque da horta. Apanhei-as do meu pai! Não sei se me doeram ou não mas que fiz uma grande berraria, fiz.

O que gostava menos na escola era dos ditados. Esconfico que não tive nenhum sem erros... e do desenho, do desenho à vista, tinha uma inveja de não ser capaz de fazer!!

Os objectos que gostava mais eram os mapas (do Mundo e de Portugal) e do quadro. Gostava dos mapas porque gostava de Geografia, era bom nisso. Os mapas estavam pendurados na parede. Umas vezes íamos um de cada vez outras vezes íamos em grupo. A professora ficava no meio e um grupo de cada lado. Ia perguntando: onde fica a serra..., onde fica o rio..., a linha ferrea... nisso saía-me bem! Ao quadro costumava ser chamado para fazer as correcções dos trabalhos... mais das contas e dos problemas... nisso também me saía bem.

Também me lembro do meu primeiro dia de escola: quando tocou a sineta para a saída dei um grito e fui a correr buscar o barril da água que estava ali no chão. Fui eu e os outros!! Fizemos barulho e levamos reguadas... a classe toda!

Mas o que me lembro melhor da escola é do cante: cantar o Hino Nacional, o hino da Escola (esse foi depois proibido pelo Salazarismo), o da Maria da Fonte e o do 1º de Dezembro.

Parece que era à 5ª feira, juntavam-se todos os moços da escola. Gostava daquele conjunto, daquele coro, daquele som!

E5

Feminino | 1966

Uma história específica com o ponteiro não tenho, apenas me lembro do que é ter 6 anos e não saber estar na escola e ser aquele o elemento que me adaptou e moldou o comportamento ao espaço e ao lugar.

Andei à escola. Gostava de andar na escola. Para mim foi um espaço de afectos importantes.

Gostava particularmente quando a professora não estava dentro da sala, gostava do recreio! Gostava quando mondávamos: vinha a Primavera, levávamos os sachos... e a memória das ervas, comer os queijinhos, brincar nas ervas...

Adorava cheirar a professora... e tinha medo que ela não gostasse de mim. Eu não me portava muito bem... por vezes achava que ela não gostava de mim!

Gostava do cheiro da escola, das cores.

As memórias que tenho são essencialmente as cores, o cheiro e a imagem de luz e cheiro do recreio, e imagem olfactiva associadas. Dentro da sala o cheiro dos lápis, das borrachas, dos papeis e o cheiro da professora, adorava ir mostrar as coisas à professora para a poder cheirar. Gostava que a professora me mandasse ir comprar bolos, gostava de fazer mandados. E ela no fim dava-me um bolo.

Em termos de aprendizagem não há nada de significativo, não me lembro muito... correram normalmente, não foram dolorosas nem fascinantes. Lembro-me com algum prazer da exploração da língua Portuguesa, feita oralmente.

Na sala havia um armário com os cadernos, as sebatas, a régua, o giz e os livros. Lembro-me do retrato do Salazar e de ser substituído pelo Marcelo Caetano; de haver 3 filas de carteiras (bons, burros e assim-assim). Não me lembro de desenhos nas paredes, só dos mapas, quando chegámos à 4ª classe.

Às vezes havia flores numa jarra.

Numa altura entraram alunos do 2º ano.

O Objecto que para mim está mais associado à escola é o ponteiro – A régua usava-se em situações precisas: por grandes asneiras ou por uma coisa muito mal. O ponteiro ensinou-me que eu me tinha de portar bem. Foi o elemento que me moldou o comportamento ao espaço – levei tanta ponteirada!!... O ponteiro era muito, muito grande, não era bem redondo, era paralelepípedo, e eu passava muito tempo lá atrás... quando o ponteiro me chegava... ia já com muita força!

Uma história específica com o ponteiro não tenho, apenas me lembro do que é ter 6 anos e não saber estar na escola e ser aquele o elemento que me adaptou e moldou o comportamento ao espaço e ao lugar.

E6

Feminino | 1953

O que eu me lembro muito era a pedra, a gente escrevia numa pedra. Eu gostava de escrever na pedra até porque a gente todos os dias trazíamos trabalhos para casa e levava quatro cópias naquela pedra.

Andei à escola; lá naquela escola que é agora pegada à Igreja. Lá ao cimo da Igreja é que havia uma escola antigamente!

Gosto! Gosto de falar do meu tempo de escola...Ora, o que é que a gente fazia...fazíamos cópias... e essas coisas, mas as professoras eram muito... não são como agora... A gente sofria muito na escola, que elas eram muito más. Éramos obrigadas a fazer as coisas...

O que eu mais gostava de fazer... gostava de escrever, as cópias, fazíamos redacções, fazíamos,...

Antigamente havia vocabulários, a tabuadas... a professora perguntava uma a uma, e se não soubéssemos, tínhamos que chegar a casa e estudar bem, e quando regressávamos à escola, a professora ia novamente perguntar. Se não sabíamos, pancadas até que soubéssemos, porque a gente sabia... Agora os rapazes não sabem a tabuada e a gente sabíamos a tabuada toda, a gente tinha que saber tudo porque levávamos muitas pancadas das professoras!

Elas batiam muito na gente, era a régua e depois umaaa!!...a professora usava uma cana grande e dálem da secretária... perguntava de uma a uma e quem não soubesse....aquele que não sabia...de lá de onde ela tava, da secretária, quando tinha preguiça de....era com a régua... e outra vez, toma. Toma!... com a cana... ia mesmo bater na cabeça da gente. Em a gente não sabendo, vinha lá ó pé dela levar reguadas, aquilo que ela... quantas reguadas ela queria! A mim até me partiram uma régua aqui na mão. Uma vez, deu-me tanto, tanto, que até me partiu a régua nas mãos., até fiquei com feridas nas mãos, fiquei muito mal, criei infecção e tud!. Depois a professora mandou chamar a minha mãe e ela só lhe disse para ela me tratar. Assim foi... ela teve de me levar todos os dias à farmácia e até tive de levar injeções (que o meu sangue é muito coiso) e ela pagou tudo, que a minha mãe nunca pagou um tostanito, pagou-me tudo... que a minha mãe disse: " Vá curá-la, que eu não tenha de pagar nem um tostanito." Pronto...

Era o castigo de ela lhe ter partido a régua na mão, ou era de ter tido...e ela depois teve de curar... mandou chamar a minha mãe que era p´rá minha mãe...mas a minha mãe nunca foi guerrear com ela. Todos os dias tinha que ir comigo à farmácia curar a mão, até que ma curou. Pois elas eram muito más... E eu nunca faltei à escola, fui sempre com a manita toda coiso, quase que... foi esta , foi a direita mas mesmo assim escrevia.

Oh, tínhamos medo das professoras, o medo obrigava a gente a fazer e a estudar, pois! Até porque eu era uma pessoa que tinha muito medo das professoras e depois a minha mãe coitadinha não sabia ler nem escrever, e eu dizia: " Mãe, pergunte-me lá!", e ela dizia: " Oh filha, mas..." Punha então a mão e estudava e depois fazia a ver se... se ia batendo tudo certo...tava além até que sabia.

Eu lembra-me de contas, que eu sabia fazer muito bem contas...matemática...era o que eu gostava de fazer e escrever... que eu ainda hoje gosto de escrever, que há pessoas que não gostam de escrever.

Havia um lugar para comer mas não, atão a gente lá não ia comer!... E havia pessoas que iam comer lá à escola, agora eu não nunca cheguei a comer lá. As pessoas assim mais pobrezinhas iam sempre lá comer: era leite, pão com queijo e coisas dessas, agora eu não. Era muito...coisa eu comia aqui na minha casa.

Também gostava muito de brincar nos intervalos, aos recreios.

Brincávamos era à roda, a gente era à roda. Cantávamos um jogo que havia que era o lencinho da botica, que era as raparigas todas à roda e depois deixávamos cair o lencinho... depois ia uma que ela...uma que via o lencinho e ia buscar, pois essa ia lá pra dentro e cantávamos, fazíamos muitos jogos, assim às rodas...

Lembro-me... a professora tinha uma esquila era... tocava à hora de entrada ou quando íamos pró recreio e depois a gente ia.

Na escola, quando entrávamos o que a gente fazia era rezar, benzíamos e rezávamos o Pai Nosso, Ave Maria, Santa Maria, fazíamos isso tudo... depois é que começávamos as aulas. Primeiro era a professora, era ela e a gente benzíamos-se e rezávamos, depois é que ela começava a aula na escola, todos os dias , todos os dias...

Parte das vezes ela dizia-me assim: "então olha não faças!" e...

Essa foi a segunda professora que tive a outra até me passou da primeira para a segunda, pois, adepois abalou nunca mais veio cá. Depois a outra é que teve aí muito ano, muito ano, muito ano.

... Hum a gente adepois, ao fim de tanto ano, esquece-se...

Sabe o que eu me lembro muito era a pedra, a gente escrevia numa pedra. Eu gostava de escrever na pedra até porque a gente todos os dias trazíamos trabalhos para casa e levava quatro cópias naquela pedra. Aquela pedra ia na minha mala ou levava na mão, porque gostava de levar a pedra na mão. Gostava de ver as cópias bem feitinhas porque eu tinha uma letra muito bonita, ainda hoje tenho. Então iam sempre ali as quatro cópias muito bem feitas. a maior parte das raparigas eram muito coisa...muitas vezes apagavam-se no caminho e então sabem o que eu fazia? Levava assim uma folha de papel com a pedra lá dentro a modos que não se

apaga-se que era para mostrar à professora que eu tinha feito porque eu tinha muito medo da professora. A minha mãe fazia-me um buraquinho na pedra com um prego e depois com um cordãozinho atava uma almofadinha que era para molhar. Levava sempre também um frasquinho com água, alguns era copos, mas eu levava sempre água e depois molhava, apagava a minhas cópias e voltava a escrever outra vez. Escrevíamos muito nas pedras, a minha mãe, coitadinha, pouco dinheiro tinha para me dar para cadernos e eu aproveitava muito a pedra.

E7

Feminino | 1953

No meu tempo não havia chocalhinho, a professora chamava para o recreio, ela vinha à porta e chamava ou mandava...

Andei à escola. O que mais gostava da escola era brincar, mas também gostava de andar na escola!

A escola que tenho para contar, que não me esquece foi... enquanto andei à escola não perdi ano nenhum até à terceira classe, mas fiz a quarta classe!

Tinha uma professora que não gostava nada de mim... eu morava num monte e tinha de vir todos os dias a pé, embora hoje vão buscá-los de carro, eu vinha sempre a pé. Eu quando chegava à escola... vinha dali dó'pé da ribeira, de uma horta, porque os meus pais estavam ali. Sempre que chegava à escola, era sempre uns minutinhos atrasada, essa tal professora que era muito má para mim... eu entrava, pedia licença, a professora mandava-me entrar e eu dizia: " Bom dia!" e ia para a carteira. Ela um dia achou que eu tinha que ir ao pé dela, que tava um bocado distante, no canto da casa e fez-me ir lá ao pé dela dizer-lhe bom dia e só depois podia ir para a carteira. Eu não fiz isso, então ela agarrou-se a uma régua, deu-me tanta reguada que me rebentou com um dedo, o dedo começou a deitar sangue e ela coitada, muito aflita, mandou logo uma ir à farmácia buscar álcool e algodão para desinfetar... ficou com medo!!

Recordo-me do meu pai me dizer que não valia a pena ter-me na escola porque eu não fazia o exame da quarta classe. O meu pai tirou-me da escola e pôs-me na costura, andei um ano na costura e depois desse ano que andei à costura ouvi dizer que era obrigatório fazer-se o exame da quarta classe até aos catorze anos. Como eu tinha doze, fui dar o nome para a escola, sem o meu pai e a minha mãe saberem e tive sorte! Depois de dois anos fora da escola ainda fiz o exame da quarta classe. Era porque eu não era burra, a professora é que não queria que eu continuasse na escola!

Eu gostava muito de brincar nos intervalos, mas o que eu gostava de fazer era as cópias, porque os ditados não me agradavam, as tabuadas também não... mas ainda hoje as sei todas. Nesse tempo estudava-se muito e eu sabia as tabuadas todas.

Tive três professoras: uma na primeira classe; não, na quarta; tive outra na segunda, depois tive aquela que não gostava de mim, que foi na terceira e depois tive outra senhora que era Anita, que me fez o exame da quarta classe.

Lembro-me do cheiro. Era aquele cheiro a livros, de livro velho e aquele cheiro a madeira.

A minha escola era onde é hoje a casa mortuária, ali é que foi a minha escola. Tínhamos rapazes e raparigas juntos. Eu andei com um irmão meu que é mais novo do que eu, ele estava na primeira classe eu na terceira... era a primeira, a terceira e a quarta classe tudo junto.

No meu tempo não havia chocalhinho, a professora chamava para o recreio, ela vinha à porta e chamava ou mandava... Tinha era uma cana muito comprida, que quando a gente estávamos distraídos, a falar com os outros, levávamos com a cana.

Lembro-me da régua, pois nessa altura levei muita reguada ...e uma coisa que fazíamos depois no caminho, quando vínhamos do campo para aqui... encontrava-se uma cebola brava, assim tipo túlipas, e vínhamos todas com uns rapazes na conversa e arrancávamos a cebola e esfregávamos nas mãos, porque assim diziam que aquilo partia a régua. Mas era mentira! Era uma brincadeira que a gente pensávamos que era verdade. Esfregávamos a mão para quando chegássemos à escola a professora partir a régua, pois era a coisa que a gente mais odiava na escola era a régua.

E8

Masculino | 1953

Nós tínhamos uma peça dessas que escrevíamos com um lápis de pedra, porque não tínhamos dinheiro para comprar folhas e aquilo apagava-se bem e escrevia-as. Essas pedras na Alemanha faziam-me lembrar a escola!... Com essas pedras fazíamos os número e as contas em Portugal.

Andei à escola até à quarta classe. Aqui em Brinches na primária.

Fui estreitar aquelas instalações, fomos para ali.

A escola nesse tempo era muito mais obrigatória que é agora, os professores batiam quando não sabíamos as coisas escolares, como a tabuada, problemas... essas coisas todas que fazíamos nesse tempo, se não sabíamos levávamos pancadas e adepois ficávamos lá até às tantas da noite, até fazermos as coisas todas! Noite mesmo. A gente não era só estas horas de escola como agora, estávamos o dia inteiro lá. Mesmo o tempo de escola era maior do que agora.

A gente sabíamos mais nesse tempo do que eles sabem agora em relação às classes que tenho, aos anos de escola.

Quando um professor fazia o trabalho dele, mandava os mais velhos que estavam na quarta classe com a terceira, ou com a segunda, ou com a primeira... mandava os mais velhos ensinar os mais novos. Cada um tomava um lugar ao lado dos mais novos para ensinar as coisas da tabuada.

Estávamos em aprendizagem permanente. Aquilo era dias inteiros e depois trazíamos serviço para casa todos os dias.

Quando eram as férias grandes, do verão, trazíamos trabalhos pra casa que num mês não éramos capazes de acabar: eram por exemplo, cento e cinquenta cópias, eram trezentos problemas, eram folhas e mais folhas, de tudo isso, que marcava a gente, folhas de livros, cópias, ditados e coisas dessas. Íamos para casa uns dos outros ...e nesse tempo, os nossos pais não tinham dinheiro para comprar o papel e a tinta...íamos às mercearias pedir papel de embrulho, que eles rejeitavam, depois de terem velhos. Escrevíamos nesses papeis, nesses papéis é que escrevíamos as cópias. Quando íamos para a escola levávamos uma resma de papéis atados muito grande e adepois a professora ia ver se tínhamos feito ou não, se não fizessemos levávamos e se não fossemos à missa levávamos também, porque era obrigatório ir à missa!

Os que faltavam à missa, na segunda-feira levavam reguadas com tábuas de caixotes.

Tínhamos também uma régua, mas aquilo partia-se com tanta pancada que ela dava e depois era uma tábua qualquer que aparecia. Aquilo era mesmo uma sova

muito grande, principalmente quando não íamos à missa ou quando a gente errava uma coisinha de nada, por exemplo, seis vezes quatro, quatro vezes seis... Se não respondêssemos certo, era logo uma palmada de deitar tudo ao chão.

Os pais não se iam queixar, não tinham poder para isso...nesse tempo havia repressão do governo fascista do Salazar e os professores e os padres tinham muita força ninguém os podia contrariar, um professor ou um padre.

Quem mais tinha poder era a religião e a escola. Nem pensar em protestar qualquer coisa... o que eles diziam é que estava certo! Fazíamos a quarta classe com tanto medo debaixo da pancada que apanhávamos, mas aprendíamos mesmo e saíamos da escola com a quarta classe, que em relação a hoje, temos um sexto ou sétimo ano ou mais; que eu hoje com a tabuada ou coisas assim brinco! Sabemos ainda sobre história mundial, geografia...

A gente dávamos tudo, dávamos os rios...

O que eu gostava mais na escola era problemas... A partir da terceira classe, fiz até à terceira classe, escrevíamos. Tomávamos muita prática, chegávamos a escrever com três lápis ao mesmo tempo que era pra desenvolvermos os trabalhos que nós tínhamos. Tínhamos que fazer a mesma palavra vinte ou trinta vezes, então púnhamos um lápis assim, e outro que apertava e ganhávamos prática naquilo e fazíamos assim e fazíamos três palavras ao mesmo tempo, ou quatro.

Os professores não sabiam que nós fazíamos isso, mas a gente para se despachar mais rápido... fazíamos isso! Pelo menos duas ao mesmo tempo, ou três... Havia quem escrevesse bem com três e fazíamos três palavras ao mesmo tempo para desenvolvermos o trabalho...que era as cópias... havia centenas de cópias nos papéis. Ficávamos marcados praticamente para toda a juventude com o medo, um medo terrível... de tudo quanto era autoridades, guardas, era os professores, era os padres, a gente entrava numa igreja... ninguém dizia nada, ninguém falava... quando entrávamos na igreja ninguém falava mais... e na escola era mais ou menos isso!...

Não gostava do processo de ensino... pois, do processo de ensino principalmente do professor fanático, aquele homem era fanático com a religião e ele não gostava daqueles que não iam à missa. Ele era um fanático pela igreja e aqueles que não iam à missa, podiam saber as coisas melhor que os outros, mas eram sempre mais castigados que os outros, foi essa parte que me marcou mais na escola...

O que gostei mais... o melhor... estes bocados de brincadeira!

Devia ser o recreio porque estávamos sempre lá sentados, lá dentro aterrorizados.

A escola tinha um recreio, aquele convívio que tínhamos... aquela rapaziada...

Chagávamos pois, quando não sabíamos bem as coisas da escola era frequente sermos repetentes. Aquilo passava-se, havia indivíduos que gostavam da escola... E lá está, aqueles que não eram protegidos do professor demoravam mais tempo que os outros e repetiam de classe... Chegávamos a andar seis e sete anos na escola, para fazer a quarta classe, mas sabíamos realmente aquilo... e a amizade adquirida ao longo dos anos, essa ficava para toda a vida! Não é como hoje nas escolas muito cheias... uns vêm do Fundão, outros da Baixa da Banheira, e não se sabe quem são... não se cria aquelas amizades. Nascíamos aqui e éramos criados aqui todos juntos.

Nós tínhamos uma bola, era uma bola de trapo feita por nós, feita com as meias das senhoras, cheias de trapos e coisas do género. Não tínhamos mais, nesse tempo não havia dinheiro para comprar bolas, como há hoje... a bola era aquela que fazíamos.

Não havia mais nada!

Lembro-me por exemplo de uma história dessa altura que o professor chegou muito atrasado à escola e nesse dia mandou a chave por um qualquer que abrisse a porta e entrasse e assim foi. Mas como nesse tempo a escola era feita em paus um deles lembrou-se de subir a um deles, para se armar em valente. Quando estava a chegar lá em cima ao telhado, entra o professor. Levou uma tarefa tão grande, pois então... como era hábito. Ora outra que também me lembra... de uma classe mais velha que a nossa, mas andávamos juntos... quando o professor estava entretido a fazer escritas, nesse tempo havia mais moscas que há hoje, não havia esses venenos que há hoje, esse colega meu apanhava as moscas assim com a mão, tratava-as com jeito assim com a mão, tirava um cabelo e punha assim no rabo da mosca, depois soltava-as e achava muita graça aquilo, e começava a rir, ai, ai ele achava muita graça à mosca ir a voar com aquilo. Quando o professor dava por aquilo chamava-o e dava-lhe uma grande sova.

Não me lembro bem de nenhum objecto, mas por exemplo... nós quando encontrávamos uma pedra, essas pedras da Alemanha que se usavam nos tectos do telhado, que é a ardósia, aquela pedra preta que é a ardósia, que se usa muito no estrangeiro porque é muito resistente ao frio ... nós tínhamos uma peça dessas que escrevíamos com um lápis de pedra, porque não tínhamos dinheiro para comprar folhas e aquilo apagava-se bem e escrevia-as. Essas pedras na Alemanha faziam-me lembrar a escola!... Com essas pedras fazíamos os números e as contas em Portugal. Praticávamos muito, levávamos o dia inteiro a escrever e depois ele mandava a gente ao quadro para fazer e depois os outros copiavam aquilo, era um

passatempo de aprendizagem, enquanto ele fazia outras coisas, nós andávamos o dia inteiro naquilo a fazer contas na pedra. Apagávamos depois aquele problema e fazíamos outro!

Era uma boa e má da escola, era uma coisa de aprendizagem que aprendíamos e tínhamos que aprender. Ainda hoje eu gosto de aprender e fiz a quarta classe duas vezes. Sabe como é que eu fiz a quarta classe duas vezes? Eu não tinha dinheiro para estudar e nesse tempo só estudava quem tinha dinheiro, os que não tinham dinheiro podiam ser muito inteligentes ou não, mas como não podiam pagar, não entravam. Eu fui trabalhar para Lisboa porque saí da escola para ir trabalhar e como trabalhava de dia, à noite não tinha nada para fazer e havia perto de mim uma escola nocturna e eu fui lá inscrever-me. Mas o professor não sabia de onde eu vinha, não sabia que eu tinha a quarta classe e inscreveu-me e fiz a quarta classe outra vez até ao dia da prova. Aí ele pediu ao Ministério, com certeza, os nomes dos alunos para a classe onde eu andava e veio de lá a dizer que eu tinha a quarta classe e ele zangou-se comigo e disse: "Oiça lá você tem a quarta classe, você tem estado a gozar comigo? Tem a quarta classe e agora está a fazer a quarta classe outra vez?" Eu pedi desculpa e tudo, porque eu gosto de aprender e gosto da escola e não posso ir para outra classe e aqui é gratuito e eu faço a quarta classe duas vezes. Adepois na prova... já não me deixaram fazer a prova... mas passou-se assim em Lisboa.

E9

Masculino | 1954

O objecto associado à escola é o quadro, era o quadro.

Porque...???? Porque às vezes arrepiava-me.

*Quando a gente tinha duvidas é que ia ao quadro óóhh...
tava o professor do lado de traz e mandava um pontapé.*

Andei à escola até... à 4ª classe. Fiz a 4ª classe com a admissão no ano de 58.

A escola era boa, em geral é como hoje, quem quer aprender aprende, mas havia talvez mais facilidade... dedicavam-se... os professores dedicavam-se mais aos alunos e os alunos respeitavam os professores que é o que acontece... cada vez menos, hoje em dia.

O que eu fazia na escola... eu fazia... tínhamos, tínhamos as horas da escola: é como hoje: entrávamos de manhã, no geral íamos almoçar a casa e depois tínhamos ainda mais outro bocado à tarde, até às 3, 4 horas da tarde. Tava-se quase o dia todo ocupado na escola. E depois trazíamos os tais trabalhos para fazer à noite. Se não no outro dia havia o tal puxão de orelhas e a tal réguada. Óó... havia uma que tinha cinco olhinhos... doía,...

Tínhamos a missa que isso em geral era obrigatório, tínhamos que ir à igreja, todos os domingos e aí daquele que faltass!.... Os professores estavam lá para ver. Em geral era castigo na segunda feira, se faltássemos.

Depois era bonito... nesse tempo, em geral, tínhamos todos um bibe, íamos todos da mesma cor para a escola.

Nas horas assim do recreio, brincávamos na escola, não havia escolas pintadas, não havia vidros partidos como há hoje, havia mais disciplina e aprendia tudo sempre bem.

Em geral fui sempre bom na matemática, gostava dos problemas.

Não tinha medo, andava sempre bem e as réguas... nunca me bateram, felizmente posso dizer que só fui castigado uma vez porque... tínhamos os trabalhos marcados e eu... há sempre nas aulas aqueles mais atrasados que outros e nós os mais avançados tínhamos o trabalho de quando saíssemos ajudar os outros. E eu fui jogar à bola e não ajudei o outro. No outro dia de manhã, o professor Oliveira chegou-me. Talvez fosse a única vez que levei.

Mas era bom professor, era bom!

Era bom, só gostava era que agente fosse à missa, desde que fosse à igreja todos os dias tava tudo bem... ó todos os dias ou pelo menos aos domingos. Tava tudo bem

que ele era boa pessoa e dedicava-se sempre. Ele só fazia a 1ª classe, o homem tinha poucas capacidades para ensinar ou sei lá!... Bem, queria só a 1ª classe e era director da escola e dava a 1ª classe todos os anos.

Mas eram bons tempos. Era novo, andava de pé descalço, gostava daquilo.

Não tenho assim nenhum episódio... Ah tenho, tenho um marcante que foi o exame de admissão que fui fazer a Moura em 58. Fiz a 4ª classe e a admissão no mesmo ano, que era para vir pró seminário e depois houve um problema qualquer e não fui. E foi na prova oral, fiz... foi um espectáculo... foi um espectáculo... tudo o que eles me perguntavam, não errei nada e depois o professor que era o professor Maltez, parece-me que era o professor Maltez, levantou-se da secretária e veio-se abraçar a mim. É a única coisa que me lembro, assim de mais marcante.

Não havia cantina nesse tempo.

Na hora do recreio jogávamos à bola, com aquelas bolas de trapo, quem tinha uma bola de borracha nesse tempo, era coiso e depois... pronto.

Óh, as miúdas jogavam aquelas cordas ou lá como é que se chamava aquilo?!... À calha, com os desenhos no chão, mas em geral não havia mais nada nesse tempo.

Havia as escolas mistas, mas depois acabou. Era aqui no adro a escola das miúdas e lá em cima a escola dos rapazes. E depois, uma época quando acrescentaram a escola lá em cima, já não foi no meu tempo, nessa altura é que começa a ser o misto lá em cima. E acabaram com estas duas aqui. Aqui na casa funerária havia uma escola e ali no outro lado onde faz aquele largozinho, por traz da igreja havia outra escola, que era das raparigas, era feminino e nós íamos lá para cima.

Lembranças da escola... Então... Gostava de ouvir para aprender.

O objecto associado à escola é o quadro, era o quadro.

Porque...???? Porque às vezes arrepiava-me. Quando agente tinha duvidas é que ia ao quadro óóhh... tava o professor do lado de traz e mandava um pontapé.

Óó o quadro, o quadro era... muitas das vezes eu era mais dispensado do que outros, esses que tavam mais atrasadinhos é que iam mais vezes. Pronto, e eu em geral ia poucas vezes ao quadro, eu e mais um ou dois.

Tive uma escola... felizmente... nunca tive problemas na aprendizagem nem nada disso, era... pronto um dos melhores alunos, ainda hoje o professor Moleiro, ali em Serpa, quando me vê saúda-me.

E10

Feminino | 1963

*A escola não era mista, era a escola feminina num lado
e a masculina noutro, não havia turmas mistas
havia um muro a dividir-nos.*

Andei na escola primária.

Do meu tempo de escola... O tempo parece que é diferente da escola de hoje em dia... e as tarefas eram diferentes, era mesmo uma pessoa estudar. Tinha só aquelas matérias de estudo: o português, a matemática, não havia músicas, não havia jogos ...pronto, esse tipo de actividades que a gente não fazia; era mesmo estudar e não sei quê. O que fazia assim mais na escola, portanto, era mais o que nos ensinavam, aquilo que batalhávamos mais era a matemática, português também um bocado.

A escola não era mista, era a escola feminina num lado e a masculina noutra, não havia turmas mistas havia um muro a dividir-nos.

Do que gostava mais na escola... depende, já nem me lembro.

No recreio jogávamos sei lá... ao pé cochinho, aqueles jogos tradicionais na altura, era à calha, gostávamos de jogar à calha, aos potes, às estátuas, portanto os jogos eram as estátuas... havia um bastante engraçado que era o jogo que não nos podíamos rir: tava uma colega nossa à frente a fazer montes de macacadas e nós, quem se risse, saía, pronto... eu à partida saía logo, esse jogo era bastante engraçado, as cadeirinhas também. Áãa depois jogos com bola jogávamos sei lá... gostávamos muito de jogar ao mata...

Eu gostava da escola... nunca tive assim muito medo e gostei sempre de ir à escola. Às vezes ficava assim um bocadinho nervosa de ir ao quadro, quando tava a pessoa não está... tem dúvidas tem muitas dúvidas, não tem a certeza ficava um bocado nervosa por tarem ali no quadro, da professora mandar fazer exercícios...

Mais...não, não... que me lembro... já foi há tantos anos, não me lembro assim de nenhum episódio engraçado.

Nessa altura... no meu tempo não havia cantina, só houve depois mais tarde; aquilo era para as pessoas, mesmo crianças necessitadas... davam qualquer coisa de comer, eu nunca fui à cantina!

Tínhamos muito respeito pelos professores, não respondíamos como hoje em dia. Havia uma barra, uma barreira entre o professor e o aluno. A pessoa tinha medo não por... na altura apanhávamos, quando era preciso... réguas, levávamos! Tava

lá uma régua bastante grande, de pinho, assim grossinha, quando era necessário. Quando era necessário... mas pronto e nós precisávamos de levar, e eu penso que tá bem que havia professores que exageravam né?? Mas eu acho que na altura uma chapadinha faz bem a qualquer criança, nós tínhamos muito, muito respeito pelos professores, às funcionárias que faziam a limpeza lá na escola.

Entrávamos na sala caladinhos e não falávamos, só quando o professor nos perguntava. Hoje em dia os miúdos não têm respeito, não respeitam ninguém, os professores e por vezes nem os próprios pais. Até nem fui das mais sacrificadas, porque era muito pequenina e não sei quê... e pronto, tínhamos muito respeito, então a minha preocupação era chegar a casa e estudar para as ver mais ou menos aquilo que a professora me ia perguntar.

Lembro-me um pouco de tudo, sei lá, que via, ouvia.

Não, não me associo assim a nenhum objecto específico... que eu me lembre não.

E11

Feminino | 1939

*A minha mãe também não dava muito valor à escola.
Ela até dizia: "As moças não precisam de andar à escola.
É só para aprender a escrever aos namorados.
A escola não serve para mais nada.*

Eu fui para uma escola paga porque a professora na escola oficial era só uma e como havia muitos seareiros e gente rica, esses é que iam à escola.

A minha mãe também não dava muito valor à escola. Ela até dizia: "As moças não precisam de andar à escola. É só para aprender a escrever aos namorados. A escola não serve para mais nada. O meu João "tá bem", porque tem de ir à escola para me poder escrever quando for para a tropa".

Na escola paga, pagava-se 5\$00 (cinco escudos) por mês. Era na "casa de fora" de uma senhora, levávamos uma cadeira de casa, feita de bunho. A Sra. Edevis tinha a 4ª classe, era uma "professora valente", já era "entendida"! Fazíamos os números para aprendermos as contas e já sabia o a,b,c,d,e,f... O que não conheço são essas letras modernas em que o j se lê jota !...

Ao fim de nove dias nasceu o meu irmão. Como ele chorava muito e nesse tempo as mães não podiam ficar em casa, saí da escola para tomar conta dele.

Mas nesses nove dias ainda apanhei com o peso da régua. A professora tinha uma redonda com cinco buraquinhos e um cabo, que lhe tinha feito o marido que era carpinteiro. Também tinha uma varinha comprida, com "quatro quinas"... também apanhei com ela!

Agora fui à escola à noite... a professora andava-me "derriçando"... já com 70 anos, veja lá!

Punha-me lendo ao pé do meu marido.

Um dia estava uma frase: "Aquele homem é cego". O meu marido já me tinha dito que o c ao pé do e e do j se lia s. Mas eu lia: aquele homem é quego. Ele apontava para os olhos dele, a ver se eu me lembrava, mas como usa óculos eu dizia-lhe:

- Em vez de me ensinares, "tás" a dizer que são óculos... Pensas que eu não sei que óculos começa por o!...

Vejam lá do que eu ainda me lembrava!

E12

Feminino | 1931

*A imagem que me lembro melhor da escola é da carteira...
as carteiras seguidas mas nós todas ali acarinhadas!!
O carinho que sentíamos lá dentro, umas com as outras...*

Entrei na escola com sete anos. Era na escola do Salvador. Só havia raparigas. Na escola havia um corredor com quatro salas, duas de cada lado. Já tínhamos casa de banho; as professoras já tinham sanita e nós tínhamos um buraquinho no chão. As carteiras eram todas de madeira, para dois...mas o tampo não era de levantar...e tinha um buraquinho para o tinteiro e para a caneta.

O quadro assentava num tripé. Havia a secretária fechada em baixo, com a régua e o ponteiro ao pé e a cadeira com braços; eram todas de categoria!! Havia também os mapas, quando cheguei à 3ª classe. Na primeira havia as "continhas"⁵³. Havia o livro grande⁵⁴...e líamos dali.

Na 3ª e na 4ª classe usávamos bata...e nas festas do 1º de Dezembro íamos até à Praça cantando. Até à frente dos Paços de Concelho...e usávamos um fato à marujo...até nos davam rebuçados!!

Tínhamos aulas de aprender o Hino da Maria da Fonte- cada professor ensinava os seus! E havia récitas no teatro da banda que tem um palco. Um teatro que era uma espécie de revista...as professoras ensinavam essas coisas...e eu fui cantar uma canção e fazer o papel de uma enjeitada.

As professoras ensinavam muito naquela altura.

Estava na 2ª, ou na 3ª classe quando puseram as fotografias e o crucifixo. Ia à missa quem queria.

Para a escola levávamos umas malinhas em sarapilheira com uns desenhos. Levávamos, para a escola, os livros de Português e de Matemática, os cadernos, os lápis e a caneta. Levavam-se essas coisas de casa. Mas no meu tempo já havia caixa e havia cantina, para aqueles que tinham mais falta.

O que gostava mais era de Geografia e o que gostava menos eram dos ditados. Na História tínhamos de saber tudo...e tinha medo de não saber. A professora não era

⁵³ Ábaco.

⁵⁴ Cartilha Maternal de João de Deus.

muito de reguadas, era mais de ponteiradas...doía muito. As professoras hoje já não metem medo...mas eram boas professoras mas cá com um respeito...

A imagem que me lembro melhor da escola é da carteira...as carteiras seguidas mas nós todas ali acarinhadas!! O carinho que sentíamos lá dentro, umas com as outras...

Ficou a amizade de todas as que ali estiveram, o convívio, a amizade...ainda hoje, assim que as encontro, dou-lhe logo a mão.

E13

Masculino | 1936

Entrei na escola com 10 anos. Antes de entrar na escola andava com cabras e quanto tinha tempo brincava à bola, ao pião, ao funcho, etc. Sai da escola com 12 anos e comecei a trabalhar como barbeiro.

Entrei na escola com 10 anos. Antes de entrar na escola andava com cabras e quanto tinha tempo brincava á bola, ao pião, ao funcho, etc. Sai da escola com 12 anos e comecei a trabalhar como barbeiro.

Na escola entrava às 9h, saía ao meio-dia, depois entrava á 1h e saía ás 5h. Depois de sair da escola ia logo brincar. ..e usava bata creme

Na escola não brincava, fazia cópias, problemas e ditados. O que gostava mais de fazer era problemas de matemática e o que gostava menos de fazer eram as redacções. O padre não ia á escola e nós não rezavamos na escola.

Ás vezes havia castigos, que era levar algumas reguadas ou então fazer contas...recompensas, não havia nenhuma.

Na escola, as carteiras estavam de frente para o quadro e a secretária do professor estava ao lado do quadro, a escola era na actual casa mortuária.

Para a escola levava o caderno, o livro de leitura, a pedra e a tabuada.

Nessa altura os pais não iam à escola e as raparigas tinham aulas à parte em outra escola, mas ricos e pobres eram tratados da mesma forma, só no recreio é que se juntavam as raparigas e os rapazes, agora devia ser igual.... os professores gostavam de todos e até puxavam mais pelos alunos com dificuldades

Há muitas diferenças, entre a escola de agora e a de antigamente...mais sabe uma pessoa com a 4ª classe de antigamente do que um jovem de hoje em dia com o 12º ano.

E14

Masculino | 1941

Agora a escola é melhor, antigamente não havia dinheiro e tinham que sair da escola muito cedo, para ajudar os pais!

Entrei na escola com 7 anos e saí com 11 anos. Só estudei até à 4ª classe, depois foi empregado de comércio aos 13 anos.

Agora a escola é melhor, antigamente não havia dinheiro e tinham que sair da escola muito cedo, para ajudar os pais!

O que gostava mais antes de entrar na escola era brincar, jogava à bola e ao pião...depois, quando saía da escola tinha de fazer os trabalhos de casa.

Na escola entrava às 9h saía às 12h, tinha uma hora de almoço, voltava a entrar às 13h e saía às 15h. Enquanto lá estava ia ao quadro resolver problemas e fazia redacções. Nessa altura usava bata branca.

Existiam duas escolas, uma na actual casa mortuária e outra na casa dos pombos. Havia era que as raparigas andavam numa escola e os rapazes em outra, e aqueles que se portavam mais mal eram mais castigados. Levávamos reguadas e recompensas não havia!!

As salas de aulas estavam da seguinte forma: existia um quadro, a secretária da professora estava ao lado do quadro e as carteiras dos alunos estavam voltadas para o quadro e tinham um tinteiro.

Para a escola levava um bolso, lápis, borracha e livros.

O que gostava mais de fazer eram os problemas de matemática e o que gostava menos era de estudar Geografia. Os alunos eram obrigados a rezar na escola pelo professor. O padre não ia à escola, vinham os alunos à igreja.

Anexo 3 - Ficha de Levantamento Patrimonial

(preenchida)

Estabelecimento de Ensino

Escola Primária de Brinches

Distrito

Beja

Concelho

Serpa

Freguesia

Brinches

Data de construção

PATRIMÓNIO BIBLIOGRÁFICO

TIPO DE MATERIAL	QUANTIDADE	DATA	IDENTIFICAÇÃO	LOCAL
Manuais escolares	1		Caderno Leit.Escrita-1ª classe	Escola
	3		Gramática – 2ª, 3ª, 4ª classe	Escola
	1		Livro Aritmética-2ª classe	Escola
	8		Livro Ciências-1ª, 2ª, 4ª classe	Escola
	1		Livro Estudo Meio-2ª ano	Escola
	3		Livro Hist.Portugal-4ª classe	Escola
	2		Livro Leitura-2º ano, 2ªf-1ºano	Escola
	4		Livro Matemática-1ªf-2ªa, 4ºan	Escola
	1		Livro Meio Fisico Social-1ªf	Escola
	1		Livro-Cad. Aritm. Geom.-4ªcl	Escola
Bibliotecas Escolares				
Jornais e/ou revistas				
Outros (quais?)				
Notas:				

PATRIMÓNIO ARQUIVÍSTICO

TIPO DE MATERIAL	QUANTIDADE	DATA	OUTROS DADOS	LOCAL
Diários freq.	1 1		Diário Freq.-1922/28 Diário Freq.-1922 /31	Escola Escola
Livros de matrícula	12		Livros Matricula - 1928 a 1967	Escola
Livros de passagem				
Livros de Actas	1		Conselho Escolar - 1976	Escola
Outros (quais?)	1 1		Registo Visitas Inspeção 1941/42 Livro Inventário - 1903	Escola Escola
Notas:				

PATRIMÓNIO MUSEOLÓGICO


EQUIPAMENTO	QUANTIDADE	DATA	OUTROS DADOS	LOCAL
Bancadas				
Secretárias				
Carteiras				
Armários	1		Armário de madeira	Escola
Outros (quais?)				
Notas:				

MATERIAL DIDÁCTICO	QUANTIDADE	DATA	OUTROS DADOS	LOCAL
Mapas				
Material de laboratório				
Caixa métrica	1		Caixa Métrica	Escola
Outros (quais?)	1		Balança	Escola
Notas:				

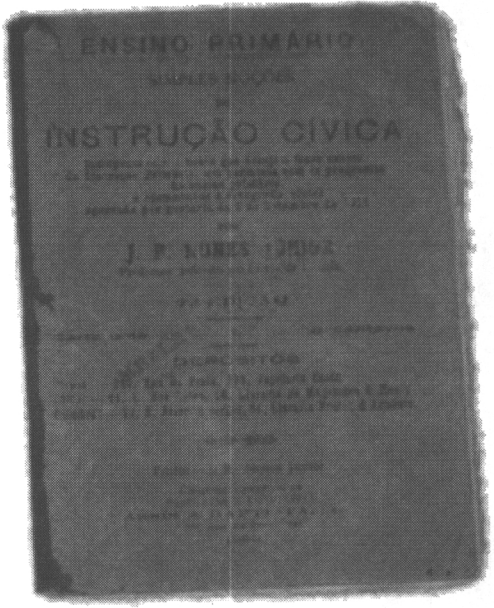
OUTROS MATERIAIS	QUANTIDADE	DATA	OUTROS DADOS	LOCAL
Réguas				
Ponteiros				
Fotografias				
Pinturas				
Bandeiras				
Outros (quais?)	1		Crucifixo	Escola
Notas:				
Nomes de pessoas que possam contar a sua história da escola				

Anexo 4 - Fichas de inventário

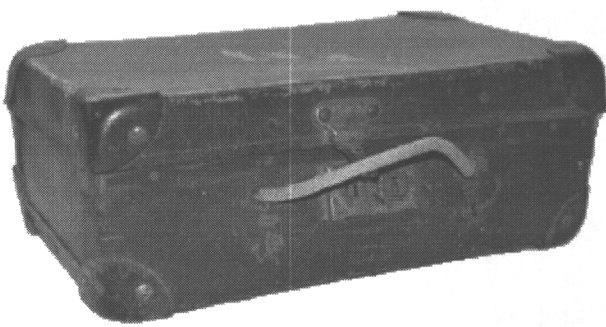
Ident. 0010

Identificação	Designação Livro de Aritmética Classificação/Categorias Art. Uso/Bibli. Manuais Esc. Denominação Título N.ºs inv. ant.	
Concepção	Época Escola/Estilo Autoria J.B. Nunes Junior Origem Lisboa Data 19/04/1911	
Fabrico	Materiais utilizados Papel Técnicas Marcas	Dimensões Altura 15 cm Largura 10,5 cm Espessura 0,5 cm
Função	Função Leitura Forma de utilização Localização espacial	Estado de Conservação Razoável Incorporação Data de incorporação Modo de incorporação Proveniência Célia Durão
Descrição		
História da peça		


Ident. 0016

Identificação	Designação Livro de Instrução Cívica Classificação/Categorias Art.Uso/Bibli.Manuais Esc Denominação Título N.ºs inv.ant.		
Concepção	Época Escola/Estilo Autoria J.B.Nunes Junior Origem Lisboa Data 01/09/1911	N.º inv. Fot.: Loc.: Autor:	
Fabrico	Materiais utilizados Papel Técnicas Marcas	Dimensões Altura 15 cm Largura 10,5 cm Espessura 0,3 cm	
Função	Função Leitura Forma de utilização Localização espacial	Estado de Conservação Razoável Incorporação Data de incorporação Modo de incorporação Proveniência Célia Durão	
Descrição			
História da peça			

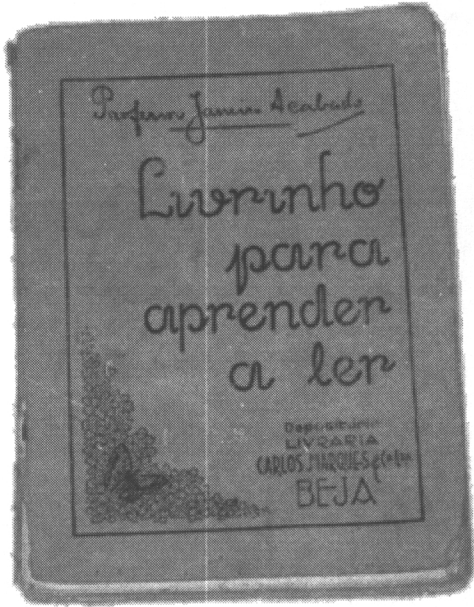
Ident. 0063

Identificação	Designação	
	Mala escola - criança Classificação/Categorias Art. Uso/Objectos/Pessoais Denominação Título N.ºs inv.ant.	
Concepção	Época Escola/Estilo Autoria Origem Data	N.º inv. Fot.: Loc.: Autor:
Fabrico	Materiais utilizados Cartão Técnicas Marcas	Dimensões Altura 19 cm Largura 30 cm Espessura 7 cm
Função	Função servia para transportar os livros Forma de utilização Localização espacial	Estado de Conservação Mau
		Incorporação Data de incorporação Modo de incorporação Proveniência Laurinda
Descrição		
História da peça		

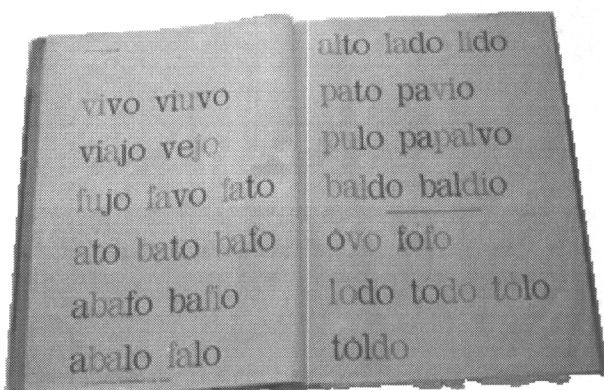
Ident. 0066

Identificação	Designação	
	Bata quadrados azuis de criança Classificação/Categorias Art.Uso/Objectos/Pessoais Denominação Título N.ºs inv.ant.	
Concepção	Época Escola/Estilo Autoria familiar Origem local Data	N.º inv. Fot.: Loc.: Autor:
Fabrico	Materiais utilizados Tecido Técnicas artesanal Marcas	Dimensões Altura Largura Espessura
Função	Função protecção do vestuário / / uniformização visual Forma de utilização Localização espacial	Estado de Conservação Bom
		Incorporação Data de incorporação Modo de incorporação Proveniência Laurinda
Descrição		
História da peça		

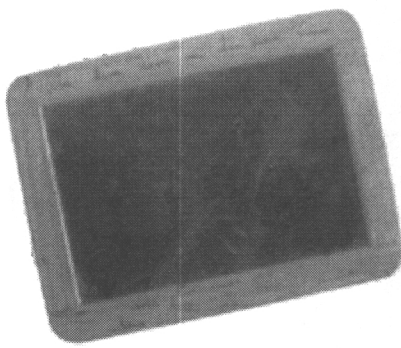
Ident. 0067

Identificação	Designação Livro de Leitura – 1ª classe Livrinho p/aprender a ler Classificação/Categorias Art.Uso/Bibliográficos Denominação Livrinho p/aprender a ler Título N.ºs inv.ant.		
Concepção	Época Escola/Estilo Autoria Janeiro Acabado Origem Livraria Carlos Marques Beja Data 1938		
Fabrico	Materiais utilizados Papel Técnicas Marcas	Dimensões Altura 19 cm Largura 13,5 cm Espessura 1 cm	
Função	Função didáctica / aprendizagem da leitura Forma de utilização Localização espacial	Estado de Conservação Mau	
		Incorporação Data de incorporação Modo de incorporação Proveniência Rosa Sota	
Descrição			
História da peça			

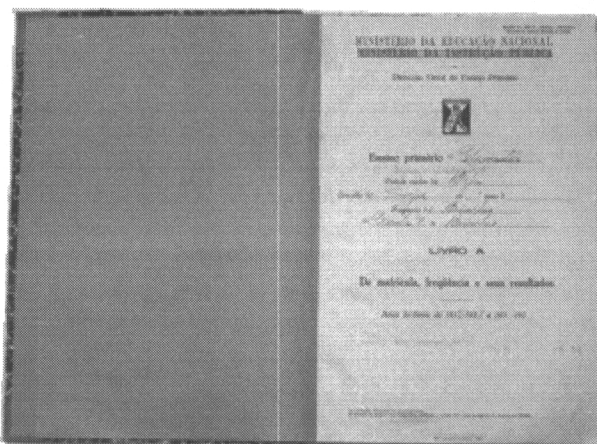
Ident. 0073

Identificação	Designação Livro Cartilha Maternal - João de Deus Classificação/Categorias Art. Uso/Biblio.Manual esc. Denominação Título N.ºs inv.ant.		
Concepção	Época Escola/Estilo Autoria João de Deus Origem Lisboa Data 1927	N.º inv. Fot.: Loc.: Autor:	
Fabrico	Materiais utilizados Papel Técnicas Marcas	Dimensões Altura 17,5 cm Largura 11 cm Espessura 0,5 cm	
Função	Função Leitura Forma de utilização Localização espacial	Estado de Conservação Mau Incorporação Data de incorporação Modo de incorporação Proveniência Rosa Sota	
Descrição			
História da peça			

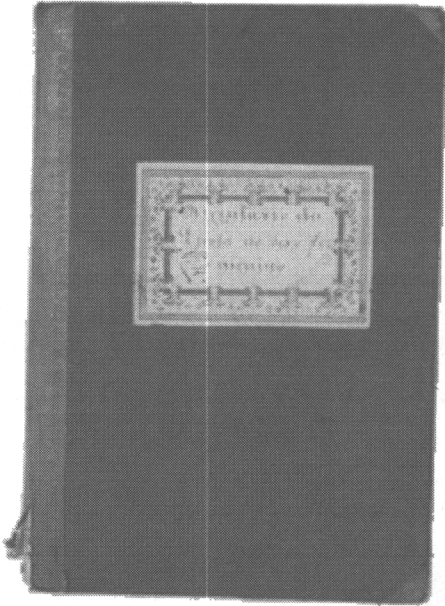
Ident. 0077

Identificação	Designação Ardósia Classificação/Categorias Art. Uso / pessoal Denominação Pedra Título N.ºs inv.ant.			
Concepção	Época Escola/Estilo Autoria Fábrica no norte do país, perto do Porto Origem nacional Data			
Fabrico	Materiais utilizados Madeira e ardósia Técnicas Marcas	Dimensões Altura 17 cm Largura 23 cm Espessura 1cm		
Função	Função Escrita Forma de utilização <i>escrita com um lápis de pedra</i> Localização espacial em cima da carteira	Estado de Conservação Razoável Incorporação Data de incorporação Modo de incorporação Proveniência Rosa Sota		
Descrição				
História da peça				

Ident. 0123

Identificação	Designação Livro de Matrículas 1937/1938 Classificação/Categorias Art.uso/Documentais Denominação Título N.ºs inv.ant.		
Concepção	Época Escola/Estilo Autoria Origem Data		
Fabrico	Materiais utilizados Papel/Cartão/Tecido Técnicas Marcas Ministerial	Dimensões Altura 34 cm Largura 22 cm Espessura 4 cm	
Função	Função registo de matrícula dos alunos, passagem, filiação, término da escolaridade Forma de utilização- escriturado pelo responsável da escola ou por matrículas Localização espacial- Guardado habitualmente em armário próprio	Estado de Conservação Razoável Incorporação Data de incorporação Modo de incorporação Proveniência Escola Primária de Brinches	
Descrição			
História da peça			

Ident. 0137

Identificação	Designação Livro de Inventário Escola do Sexo Feminino Classificação/Categorias Art.uso/Documentais Denominação Livro de Inventário Escola Feminina de Brinches Título N.ºs inv.ant.		
	Concepção Época Escola/Estilo Autoria Origem Data		
Fabrico	Materiais utilizados Papel / Tecido Técnicas Marcas Ministerial	Dimensões Altura 33 cm Largura 22,5 cm Espessura 2 cm	
Função	Função Registo de todos os materiais escolares – mobiliário e didácticos Forma de utilização - escrita manual e pelo responsável da escola Localização espacial – Em armário próprio, junto com outros livros oficiais	Estado de Conservação Razoável	
		Incorporação Data de incorporação Modo de incorporação Proveniência Escola Primária de Brinches	
Descrição			
História da peça			

Área Protegida do Património Escolar é um conceito que remete para o conjunto de artefactos e representações sociais (bens materiais e imateriais) de reconhecida pertinência para o estudo da Educação e das Comunidades porquanto testemunhos da herança cultural e elementos imprescindíveis na construção da identidade local e nacional.

Definir uma Área Protegida do Património Escolar tem como principal objectivo a salvaguarda do Património da Educação / Escolar, segundo uma linha de orientação no sentido da identificação, preservação e valorização da Memória da Educação / / Escolar, através levantamento e inventariação do seu património museológico, arquivístico e documental (artefactos e símbolos), quer os testemunhos se situem no território nacional ou fora deste.

A definição de uma Área Protegida da Educação inaugura a contextualização do processo educativo, conduzindo a uma perspectiva de ecologia social promotora de sinergias com o património natural e cultural, (o contexto) logo, a uma melhor compreensão do processo comunitário (porquanto envolve todos os agentes educativos). Assim sendo, a Área Protegida constituir-se-á igualmente como instrumento ao serviço do desenvolvimento local e regional, porquanto edificado pelos contributos e dinâmicas gerados a estes níveis.

Estes pressupostos remetem para o papel educativo do museu enquanto espaço e forma de salvaguarda da Memória, promotor de estudos e investigação e gerador de dinamização sócio-educativa e comunitária. O espaço museal implementado através de vários pólos museológicos, ligados entre si por relações de complementaridade, demarca uma área protegida do património da Educação e, simultaneamente, possibilita uma rede de percursos onde a leitura do Sistema Educativo se cruza, se completa e se complementa.

Entende-se por Património Escolar o conjunto de bens móveis e imóveis, materiais e simbólicos que serviram de suporte ou são expressão do Sistema de Ensino, nos vários contextos históricos, sociais e territoriais.

O Património Escolar é constituído por artefactos, representações e lugares (numa perspectiva isolada ou relacional) enquanto fontes da “Memória da Educação” e instrumentos de estudo, investigação e informação sobre o percurso do sistema educativo / escolar e respectivo impacto social.

Considera-se Área Protegida do Património Escolar:

- a) uma área geograficamente delimitada onde se encontre espólio da educação, a identificar, a preservar, a inventariar e a dinamizar;
- b) uma área conceptual constituída por pólos territoriais que tenham por objectivo comum a preservação, a inventariação, a recolha e/ou a dinamização do Património Escolar.

Esta área ficará delimitada pelo conjunto de relações existentes entre cada um dos pólos – trocas ou complementaridade de informações e de materiais, objectivos e acções comuns, articulação de dinâmicas comunitárias, entre outras.

CLASSIFICAÇÃO

O Património Escolar, recolhido ou sinalizado, será objecto de classificação de acordo com a matriz de classificação específica para esta área e em consonância com as directivas gerais do Instituto Português do Património, devendo este processo ser realizado em articulação com outras instâncias, nomeadamente o Ministério da Educação, Autarquias, Associações de Desenvolvimento Local ou

outras associações, cuja acção se situe na área da educação ou na defesa do património.

A inventariação, classificação, divulgação e reutilização dos “bens educativos / escolares” constitui-se como forma indispensável na defesa desses mesmos bens, configurando um modo de “apropriação” do Património Escolar numa lógica fruição pública (democrática) e de co-participação da comunidade envolvente.

COMPETÊNCIAS

Compete ao Estado, designadamente ao Ministério da Educação promover medidas necessárias ao levantamento, estudo, protecção, valorização e divulgação do Património da Educação, numa acção concertada com as autarquias, associações, outros serviços ou particulares.

Deverá ser direito e dever de todos os cidadãos (e em particular daqueles cuja acção se situe na área educativa e/ou do património) promover a salvaguarda e valorização do Património da Educação assim como assegurar a sua fruição e dinamização, o que pressupõe a realização de acções de sensibilização junto da população, nomeadamente através da organização de Encontros e constituição de Conselhos Consultivos segundo critérios de ordem geográfica e conceptual.

VALORIZAÇÃO E DIVULGAÇÃO

A protecção Património da Educação, enquanto meio de defesa da identidade e dos valores educativos e culturais e promotor de revitalização das comunidade, pode-se corporizar nas seguintes linhas de acção:

- a) registo e inventariação de documentos materiais e sua divulgação;
- b) circulação e divulgação de informações e investigações,

- c) recolha e registo de “bens imateriais” através de fotografias, filmes, documentos escritos, gravações;
- d) organização de museus de escola;
- e) organização de centros de documentação, investigação ou interpretação;
- f) dinamização sócio-educativa comunitária.

IMPLEMENTAÇÃO

A salvaguarda do Património Escolar deve consubstanciar-se em projectos, que por sua vez devem alicerçar-se em sólidas parcerias entre as autarquias, serviços e associações cujos objectivos incluam a preservação e dinamização do Património da Educação.

As formas de acção devem ser concertadas entre os participantes e, nessa medida, corresponder ao tipo de resposta que localmente se encontre ajustado aos interesses da comunidade em geral.

Para além da concepção de formas singulares de actuação, a existência de objectivos similares, circulação de informação e acções concertadas, produz uma rede de relações comuns, unificadoras ou complementares conducentes à definição da Área Protegida do Património Escolar.

A ligação entre os diversos pólos museológicos traduz-se num percurso que permite a leitura mais global do Sistema Educativo onde, em cada um, a informação se completa e se complementa. Assim, as informações geradas nos diferentes pólos devem ser passíveis de concentração, culminando na organização de um Museu-Virtual.

ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Lei n.º 107/2001

de 8 de Setembro

Estabelece as bases da política e do regime de protecção e valorização do património cultural

A Assembleia da República decreta, nos termos da alínea c) do artigo 161.º da Constituição, para valer como lei geral da República, o seguinte:

TÍTULO I

Dos princípios basilares

Artigo 1.º

Objecto

1 — A presente lei estabelece as bases da política e do regime de protecção e valorização do património cultural, como realidade da maior relevância para a compreensão, permanência e construção da identidade nacional e para a democratização da cultura.

2 — A política do património cultural integra as acções promovidas pelo Estado, pelas Regiões Autónomas, pelas autarquias locais e pela restante Administração Pública, visando assegurar, no território português, a efectivação do direito à cultura e à fruição cultural e a realização dos demais valores e das tarefas e vinculações impostas, neste domínio, pela Constituição e pelo direito internacional.

Artigo 2.º

Conceito e âmbito do património cultural

1 — Para os efeitos da presente lei integram o património cultural todos os bens que, sendo testemunhos com valor de civilização ou de cultura portadores de interesse cultural relevante, devam ser objecto de especial protecção e valorização.

2 — A língua portuguesa, enquanto fundamento da soberania nacional, é um elemento essencial do património cultural português.

3 — O interesse cultural relevante, designadamente histórico, palaeontológico, arqueológico, arquitectónico, linguístico, documental, artístico, etnográfico, científico, social, industrial ou técnico, dos bens que integram o património cultural reflectirá valores de memória, antiguidade, autenticidade, originalidade, raridade, singularidade ou exemplaridade.

4 — Integram, igualmente, o património cultural aqueles bens imateriais que constituam parcelas estruturantes da identidade e da memória colectiva portuguesas.

5 — Constituem, ainda, património cultural quaisquer outros bens que como tal sejam considerados por força de convenções internacionais que vinculem o Estado Português, pelo menos para os efeitos nelas previstos.

6 — Integram o património cultural não só o conjunto de bens materiais e imateriais de interesse cultural rele-

vante, mas também, quando for caso disso, os respectivos contextos que, pelo seu valor de testemunho, possuam com aqueles uma relação interpretativa e informativa.

7 — O ensino, a valorização e a defesa da língua portuguesa e das suas variedades regionais no território nacional, bem como a sua difusão internacional, constituem objecto de legislação e políticas próprias.

8 — A cultura tradicional popular ocupa uma posição de relevo na política do Estado e das Regiões Autónomas sobre a protecção e valorização do património cultural e constitui objecto de legislação própria.

Artigo 3.º

Tarefa fundamental do Estado

1 — Através da salvaguarda e valorização do património cultural, deve o Estado assegurar a transmissão de uma herança nacional cuja continuidade e enriquecimento unirá as gerações num percurso civilizacional singular.

2 — O Estado protege e valoriza o património cultural como instrumento primordial de realização da dignidade da pessoa humana, objecto de direitos fundamentais, meio ao serviço da democratização da cultura e esteio da independência e da identidade nacionais.

3 — O conhecimento, estudo, protecção, valorização e divulgação do património cultural constituem um dever do Estado, das Regiões Autónomas e das autarquias locais.

Artigo 4.º

Contratualização da administração do património cultural

1 — Nos termos da lei, o Estado, as Regiões Autónomas e as autarquias locais podem celebrar com detentores particulares de bens culturais, outras entidades interessadas na preservação e valorização de bens culturais ou empresas especializadas acordos para efeito da prossecução de interesses públicos na área do património cultural.

2 — Entre outros, os instrumentos referidos no número anterior podem ter por objecto a colaboração recíproca para fins de identificação, reconhecimento, conservação, segurança, restauro, valorização e divulgação de bens culturais, bem como a concessão ou delegação de tarefas, desde que não envolvam a habilitação para a prática de actos administrativos de classificação.

3 — Com as pessoas colectivas de direito público e de direito privado detentoras de acervos de bens culturais de excepcional importância e com as entidades incumbidas da respectiva representação podem o Estado, as Regiões Autónomas ou as autarquias locais acordar fórmulas institucionais de composição mista destinadas a canalizar de modo concertado, planificado e expedito as respectivas relações no domínio da aplicação da presente lei e da sua legislação de desenvolvimento.

4 — O disposto nos números anteriores aplica-se a todas as confissões religiosas e no que diz respeito à Igreja Católica, enquanto entidade detentora de uma notável parte dos bens que integram o património cultural português, com as adaptações e os aditamentos decorrentes do cumprimento pelo Estado do regime dos bens de propriedade da Igreja Católica ou de proprie-

dade do Estado e com afectação permanente ao serviço da Igreja Católica, definido pela Concordata entre a República Portuguesa e a Santa Sé.

Artigo 5.º

Identidades culturais

1 — No âmbito das suas relações bilaterais ou multilaterais com os países lusófonos, o Estado Português contribui para a preservação e valorização daquele património cultural, sito no território nacional ou fora dele, que testemunhe capítulos da história comum.

2 — O Estado Português contribui, ainda, para a preservação e salvaguarda do património cultural sito fora do espaço lusófono que constitua testemunho de especial importância de civilização e de cultura portuguesas.

3 — A política do património cultural visa, em termos específicos, a conservação e salvaguarda do património cultural de importância europeia e do património cultural de valor universal excepcional, em particular quando se trate de bens culturais que integrem o património cultural português ou que com este apresentem conexões significativas.

Artigo 6.º

Outros princípios gerais

Para além de outros princípios presentes nesta lei, a política do património cultural obedece aos princípios gerais de:

- a) Inventariação, assegurando-se o levantamento sistemático, actualizado e tendencialmente exaustivo dos bens culturais existentes com vista à respectiva identificação;
- b) Planeamento, assegurando que os instrumentos e recursos mobilizados e as medidas adaptadas resultam de uma prévia e adequada planificação e programação;
- c) Coordenação, articulando e compatibilizando o património cultural com as restantes políticas que se dirigem a idênticos ou conexos interesses públicos e privados, em especial as políticas de ordenamento do território, de ambiente, de educação e formação, de apoio à criação cultural e de turismo;
- d) Eficiência, garantindo padrões adequados de cumprimento das imposições vigentes e dos objectivos previstos e estabelecidos;
- e) Inspeção e prevenção, impedindo, mediante a instituição de organismos, processos e controlos adequados, a desfiguração, degradação ou perda de elementos integrantes do património cultural;
- f) Informação, promovendo a recolha sistemática de dados e facultando o respectivo acesso tanto aos cidadãos e organismos interessados como às competentes organizações internacionais;
- g) Equidade, assegurando a justa repartição dos encargos, ónus e benefícios decorrentes da aplicação do regime de protecção e valorização do património cultural;

- h) Responsabilidade, garantindo prévia e sistemática ponderação das intervenções e dos actos susceptíveis de afectar a integridade ou circulação lícita de elementos integrantes do património cultural;
- i) Cooperação internacional, reconhecendo e dando efectividade aos deveres de colaboração, informação e assistência internacional.

TÍTULO II

Dos direitos, garantias e deveres dos cidadãos

Artigo 7.º

Direito à fruição do património cultural

1 — Todos têm direito à fruição dos valores e bens que integram o património cultural, como modo de desenvolvimento da personalidade através da realização cultural.

2 — A fruição por terceiros de bens culturais, cujo suporte constitua objecto de propriedade privada ou outro direito real de gozo, depende de modos de divulgação concertados entre a administração do património cultural e os titulares das coisas.

3 — A fruição pública dos bens culturais deve ser harmonizada com as exigências de funcionalidade, segurança, preservação e conservação destes.

4 — O Estado respeita, também, como modo de fruição cultural o uso litúrgico, devocional, catequético e educativo dos bens culturais afectos a finalidades de utilização religiosa.

Artigo 8.º

Colaboração entre a Administração Pública e os particulares

As pessoas colectivas de direito público colaborarão com os detentores de bens culturais, por forma que estes possam conjugar os seus interesses e iniciativas com a actuação pública, à luz dos objectivos de protecção e valorização do património cultural, e beneficiem de contrapartidas de apoio técnico e financeiro e de incentivos fiscais.

Artigo 9.º

Garantias dos administrados

1 — Aos titulares de direitos e interesses legalmente protegidos sobre bens culturais, ou outros valores integrantes do património cultural, lesados por actos jurídicos ou materiais da Administração Pública ou de entidades em que esta delegar tarefas nos termos do artigo 4.º e do n.º 2 do artigo 26.º são reconhecidas as garantias gerais dos administrados, nomeadamente:

- a) O direito de promover a impugnação dos actos administrativos e das normas emitidas no desempenho da função administrativa;
- b) O direito de propor acções administrativas;
- c) O direito de desencadear meios processuais de natureza cautelar, incluindo os previstos na lei de processo civil quando os meios específicos do contencioso administrativo não puderem proporcionar uma tutela provisória adequada;
- d) O direito de apresentação de denúncia, queixa ou participação ao Ministério Público e de queixa ao Provedor de Justiça.

TÍTULO IV**Dos bens culturais e das formas de protecção****Artigo 14.º****Bens culturais**

1 — Consideram-se bens culturais os bens móveis e imóveis que, de harmonia com o disposto nos n.ºs 1, 3 e 5 do artigo 2.º, representem testemunho material com valor de civilização ou de cultura.

2 — Os princípios e disposições fundamentais da presente lei são extensíveis, na medida do que for compatível com os respectivos regimes jurídicos, aos bens naturais, ambientais, paisagísticos ou paleontológicos.

Artigo 15.º**Categorias de bens**

1 — Os bens imóveis podem pertencer às categorias de monumento, conjunto ou sítio, nos termos em que tais categorias se encontram definidas no direito internacional, e os móveis, entre outras, às categorias indicadas no título VII.

2 — Os bens móveis e imóveis podem ser classificados como de interesse nacional, de interesse público ou de interesse municipal.

3 — Para os bens imóveis classificados como de interesse nacional, sejam eles monumentos, conjuntos ou sítios, adoptar-se-á a designação «monumento nacional» e para os bens móveis classificados como de interesse nacional é criada a designação «tesouro nacional».

4 — Um bem considera-se de interesse nacional quando a respectiva protecção e valorização, no todo ou em parte, represente um valor cultural de significado para a Nação.

5 — Um bem considera-se de interesse público quando a respectiva protecção e valorização represente ainda um valor cultural de importância nacional, mas para o qual o regime de protecção inerente à classificação como de interesse nacional se mostre desproporcionado.

6 — Consideram-se de interesse municipal os bens cuja protecção e valorização, no todo ou em parte, representem um valor cultural de significado predominante para um determinado município.

7 — Os bens culturais imóveis incluídos na lista do património mundial integram, para todos os efeitos e na respectiva categoria, a lista dos bens classificados como de interesse nacional.

8 — A existência das categorias e designações referidas neste artigo não prejudica a eventual relevância de outras, designadamente quando previstas no direito internacional.

Artigo 16.º**Formas de protecção dos bens culturais**

1 — A protecção legal dos bens culturais assenta na classificação e na inventariação.

2 — Cada forma de protecção dá lugar ao correspondente nível de registo, pelo que existirá:

- a) O registo patrimonial de classificação;
- b) O registo patrimonial de inventário.

3 — A aplicação de medidas cautelares previstas na lei não depende de prévia classificação ou inventariação de um bem cultural.

Artigo 17.º**Critérios genéricos de apreciação**

Para a classificação ou a inventariação, em qualquer uma das categorias referidas no artigo 15.º, serão tidos em conta algum ou alguns dos seguintes critérios:

- a) O carácter matricial do bem;
- b) O génio do respectivo criador;
- c) O interesse do bem como testemunho simbólico ou religioso;
- d) O interesse do bem como testemunho notável de vivências ou factos históricos;
- e) O valor estético, técnico ou material intrínseco do bem;
- f) A concepção arquitectónica, urbanística e paisagística;
- g) A extensão do bem e o que nela se reflecte do ponto de vista da memória colectiva;
- h) A importância do bem do ponto de vista da investigação histórica ou científica;
- i) As circunstâncias susceptíveis de acarretarem diminuição ou perda da perenidade ou da integridade do bem.

Artigo 18.º**Classificação**

1 — Entende-se por classificação o acto final do procedimento administrativo mediante o qual se determina que certo bem possui um inestimável valor cultural.

2 — Os bens móveis pertencentes a particulares só podem ser classificados como de interesse nacional quando a sua degradação ou o seu extravio constituam perda irreparável para o património cultural.

3 — Dos bens móveis pertencentes a particulares só são passíveis de classificação como de interesse público os que sejam de elevado apreço e cuja exportação definitiva do território nacional possa constituir dano grave para o património cultural.

4 — Só é possível a classificação de bens móveis de interesse municipal com o consentimento dos respectivos proprietários.

Artigo 19.º**Inventariação**

1 — Entende-se por inventariação o levantamento sistemático, actualizado e tendencialmente exaustivo dos bens culturais existentes a nível nacional, com vista à respectiva identificação.

2 — O inventário abrange os bens independentemente da sua propriedade pública ou privada.

3 — O inventário inclui os bens classificados e os que, de acordo com os n.ºs 1, 3 e 5 do artigo 2.º e o n.º 1 do artigo 14.º, mereçam ser inventariados.

4 — O inventário abrange duas partes: o inventário de bens públicos, referente aos bens de propriedade do Estado ou de outras pessoas colectivas públicas, e o inventário de bens de particulares, referente aos bens de propriedade de pessoas colectivas privadas e de pessoas singulares.

opacas, a cores ou a preto e branco, bem como as colecções, séries e fundos compostos por tais espécies que, sendo notáveis pela antiguidade, qualidade do conteúdo, processo fotográfico utilizado ou carácter informativo sobre o contexto histórico-cultural em que foram produzidas, preencham ainda pelo menos um de entre os seguintes requisitos:

- a) Hajam sido produzidas por autores nacionais ou por estrangeiros sobre Portugal;
- b) Contenham imagens que possuam significado no contexto da história da fotografia nacional ou da fotografia estrangeira quando se encontrem predominantemente em território português há mais de 25 anos;
- c) Se refiram a acontecimentos, personagens ou bens culturais ou ambientais relevantes para a memória colectiva portuguesa.

2 — As fotografias inseridas em álbuns ou livros impressos, incluindo imagens originais ou em reprodução fotomecânica, integram o património fotográfico quando correspondam à previsão do número anterior e constem de edições portuguesas ou de edições estrangeiras reproduzindo obras de autores nacionais ou de estrangeiros sobre Portugal.

3 — Sem prejuízo do regime geral, devem ser objecto de classificação como de interesse nacional as espécies, colecções, séries e fundos fotográficos anteriores a 1866 abrangidos pela previsão do n.º 1 ou do n.º 2 do presente artigo quando se verifique em relação a eles algum dos seguintes pressupostos:

- a) Tenham pertencido a instituição ou pessoa notáveis cuja actividade ou obra possam ajudar a conhecer;
- b) Se encontrem, a qualquer título, na posse do Estado.

4 — Sem prejuízo do regime geral, devem ser objecto de classificação como de interesse público as espécies, colecções, séries e fundos fotográficos posteriores a 1865 abrangidos pela previsão do n.º 1 ou do n.º 2 do presente artigo quando se verifique em relação a eles algum dos seguintes pressupostos:

- a) Sejam anteriores a 1881 e se encontrem a qualquer título na posse do Estado;
- b) Sejam anteriores a 1881 e deles não existam exemplares em arquivos de titularidade pública;
- c) Possuam mais de 100 anos e tenham pertencido a instituição ou pessoa notáveis cuja actividade ou obra possam ajudar a conhecer.

5 — Devem ser objecto de inventário os fundos fotográficos abrangidos pela previsão do n.º 1 do presente artigo em relação aos quais se verifique algum dos seguintes pressupostos:

- a) Se encontrem a qualquer título na posse do Estado;
- b) Venham a ser voluntariamente apresentados pelos respectivos possuidores, se outro não for o motivo invocado para a respectiva inventariação nos termos do regime geral de protecção dos bens culturais;
- c) Tenham pertencido a instituição ou pessoa notáveis cuja actividade ou obra possam ajudar a conhecer.

TÍTULO VIII

Dos bens imateriais

Artigo 91.º

Âmbito e regime de protecção

1 — Para efeitos da presente lei, integram o património cultural as realidades que, tendo ou não suporte em coisas móveis ou imóveis, representem testemunhos etnográficos ou antropológicos com valor de civilização ou de cultura com significado para a identidade e memória colectivas.

2 — Especial protecção devem merecer as expressões orais de transmissão cultural e os modos tradicionais de fazer, nomeadamente as técnicas tradicionais de construção e de fabrico e os modos de preparar os alimentos.

3 — Tratando-se de realidades com suporte em bens móveis ou imóveis que revelem especial interesse etnográfico ou antropológico, serão as mesmas objecto das formas de protecção previstas nos títulos iv e v.

4 — Sempre que se trate de realidades que não possuam suporte material, deve promover-se o respectivo registo gráfico, sonoro, áudio-visual ou outro para efeitos de conhecimento, preservação e valorização através da constituição programada de colectâneas que viabilizem a sua salvaguarda e fruição.

5 — Sempre que se trate de realidades que associem, também, suportes materiais diferenciados, deve promover-se o seu registo adequado para efeitos de conhecimento, preservação, valorização e de certificação.

Artigo 92.º

Deveres das entidades públicas

1 — Constitui especial dever do Estado e das Regiões Autónomas apoiar iniciativas de terceiros e mobilizar todos os instrumentos de valorização necessários à salvaguarda dos bens imateriais referidos no artigo anterior.

2 — Constitui especial dever das autarquias locais promover e apoiar o conhecimento, a defesa e a valorização dos bens imateriais mais representativos das comunidades respectivas, incluindo os próprios das minorias étnicas que as integram.

TÍTULO IX

Das atribuições do Estado, Regiões Autónomas e autarquias locais

Artigo 93.º

Atribuições comuns, colaboração e auxílio interadministrativo

1 — As Regiões Autónomas e os municípios participam com o Estado na tarefa fundamental de proteger e valorizar o património cultural do povo português, prosseguido por todos como atribuição comum, ainda que diferenciada nas respectivas concretizações e sem prejuízo da discriminação das competências dos órgãos de cada tipo de ente.

Anexo 7 - Ficha de Inventário Matriz

Instituição/Proprietário:

Super-Categoria:

Categoria:

Denominação Habitual:

Nº(s) de Inventário:

Nºs de Inv. Anteriores:

Elemento de um conjunto:

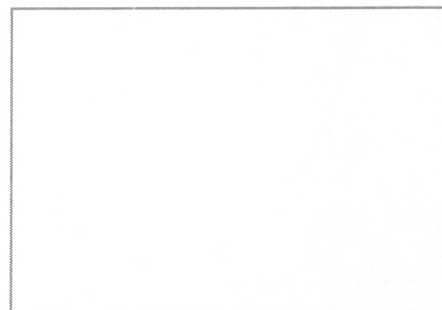


Imagem principal da peça

Registo da Imagem Principal

Tipo:

Nº Inv. Fotográfico:

Localização:

Autor:

Denominação:

Localização

Denominação

Nº de Inventário:

Incorporação

Data de Incorporação:

Ano(s):

Modo de Incorporação:

Descrição:

Custo/Avaliação:

Achado/Recolha

Lugar:

Freguesia:

Concelho:

Distrito:

Região:

País:

Coordenadas:

Data de Achado/Recolha:

Anos:

Achador/Colector:

Circunstâncias do Achado/Recolha:

Localização

Localização	Especificações	Data:
-------------	----------------	-------

Registo de Imagens:

Tipo	Nº de Inventário Fotográfico	Local	Autor
------	------------------------------	-------	-------

Autoria

Nome	Tipo
------	------

Justificação de Autor:

Assinatura:

Descrição da Assinatura

Escola/Estilo:

Oficina:

Centro de Fabrico:

Grupo Cultural:

Entidade Emissora:

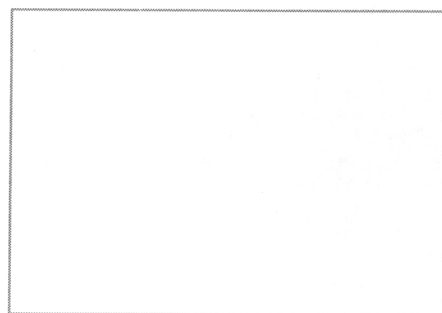


Imagem da assinatura

Marcas:

Identificação de Marca

--	--	--	--	--

Imagens das marcas

Local de Execução:

Descrição da Peça

Época:

Séculos:

Anos:

Justificação da Data:

Função Inicial/Alterações:

Matéria:

Suporte:

Técnica:

Precisões sobre a Técnica:

Dimensões:

Altura:(cm)

Largura:(cm)

Profundidade:(cm)

Espessura:(cm)

Diâmetro:(cm)

Comprimento:(cm)

Outras dimensões:

Peso:

Capacidade:



Estado de Conservação

Estado	Especificações	Data:
--------	----------------	-------

Intervenções de Conservação e Restauro

Executada por	Identificação do Processo	Data:
---------------	---------------------------	-------

Descrição

Legenda/Inscrição:

Subscrição:

Heráldica/Insígnias:

Historial:

Bibliografia:

Exposições

Título	Local	Data
--------	-------	------

Observações:

Preenchido por:

Data: